

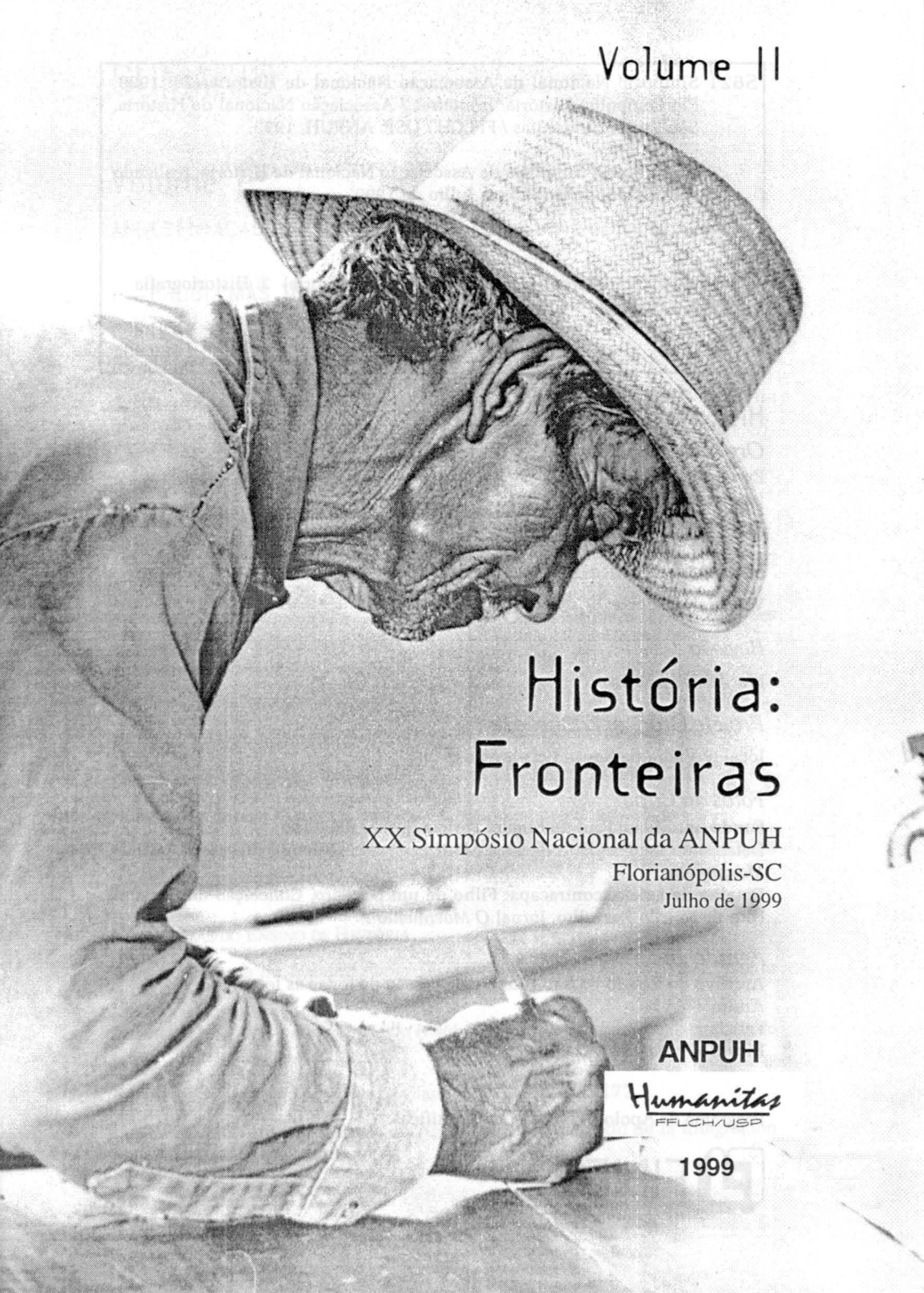
historia: fronteiras



Vol. II

Eunice Nodari
Joana Maria Pedro
Zilda M. Gricoli Iokoi
(organizadoras)

Volume II



História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

Humanitas
FFLCH/USP

1999

POR UMA GENEALOGIA DA NOITE NA CULTURA OCIDENTAL

Luiz Carlos Soares
Universidade Federal Fluminense

As reflexões apresentadas nestes comentários têm por objetivo não apenas focalizar, em caráter exploratório, as diversas representações da noite no imaginário ocidental cristão desde a época medieval, como também acentuar, a partir de uma perspectiva historiográfica genealógica¹, o nascimento de uma problemática que tem, cada vez mais, chamado a atenção dos historiadores da cultura e das mentalidades. Inclusive em nosso país, os estudos históricos que abordam, direta ou indiretamente, a temática da “noite”, têm concentrado a atenção de inúmeros pesquisadores nos programas de pós-graduação².

A representação da noite no imaginário ocidental cristão, desde os primórdios da Idade Média, adquiriu um conjunto de significados relacionado à perspectiva de “encantamento” religioso ou mágico, seja pela via da sua “negação”, como apontou o próprio Cristianismo, ou pela via da sua “positivação”, como afirmaram as bruxas, os mágicos, os boêmios e, até mesmo, os bandidos. A partir do advento da Ciência Moderna, com a nova Astronomia Heliocêntrica e Mecanicista, houve um primeiro movimento no sentido do “desencantamento da noite”³, processo este que estaria se efetivando séculos mais tarde, com a emblemática chegada dos astronautas norte-americanos à Lua (1969). Por outro lado, o advento da sociedade industrial capitalista, com uma ideologia produtiva baseada na disciplina e na racionalização do tempo de trabalho e na normatização do lazer do trabalhador, contribuiu de forma significativa para o *desencantamento da noite*, podendo-se dizer que esta foi transforma-

da num lucrativo negócio, com o advento dos bordéis higienizados, dos cassinos, das *boîtes*, do *showbusiness* etc.

A REPRESENTAÇÃO DA NOITE NO IMAGINÁRIO CRISTÃO OCIDENTAL

Para o Cristianismo Patrístico da Alta Idade Média, baseado na retomada de Filosofia Platônica e na sua desqualificação do mundo material como realidade aparente dos fenômenos, a vida humana e, por conseqüência, a noite, só poderiam ter sido representadas “negativamente”. Para a tradição Platônica, apenas as essências correspondiam ao verdadeiro significado ou ser dos fenômenos e estas situavam-se para além da vida e da matéria, no mundo das idéias eternas. Embora bloqueando o Racionalismo Platônico e submetendo sua idéia de razão à fé, o Cristianismo Patrístico de Santo Agostinho de Hipona, Santo Isidoro de Sevilha e outros pensadores, logo associou a dualidade essência-aparência à dualidade corpo-alma ou matéria-espírito, identificando o corpo e a matéria com a aparência, a transitoriedade, a corrupção, o pecado, e a alma ou o espírito com a essência, a eternidade, a incorruptibilidade, a pureza⁴.

Assim, a própria vida do Homem passou a ser concebida, por sua dimensão corpóreo-material, como transitória ou o momento de definição do seu destino *post-mortem*. Aqueles que seguissem os preceitos da Igreja e tivessem uma vida de orações e valorização do espírito, seriam contemplados com o “Reino do Céu” ou atingiriam a “Cidade de Deus”, como bem assinalou Santo Agostinho. Já aqueles que optassem por uma vida de valorização do mundo material e dos prazeres corpóreos, afastando-se das orações e da fé, teriam a sua alma ardendo nas profundezas do “Reino do Inferno”, por toda a eternidade.

É neste contexto de pecaminização da vida que o imaginário cristão ocidental produz uma primeira representação negativa da noite. A vida, em si, já era vista como o lugar do pecado, mas o seu momento pleno passava, assim, a ser identificado com a noite. De certo modo, o dia passou a ser entendido como o momento propício para a valorização do espírito por meio das orações, do trabalho e da abstinência em relação aos prazeres corpóreos, e a noite como o momento do amor comedido e matri-

monial, do descanso e da necessária recomposição das forças físicas. Portanto, para as estratégias de controle social do mundo senhorial-cristão europeu, o dia apresentava-se como o seu momento mais adequado, em virtude da luz solar e da possibilidade de uma visão mais nítida, enquanto as trevas da noite significavam a possibilidade da desordem, do perigo, da insegurança, da exacerbação do prazer corpóreo, do desregramento moral e, em síntese, do pecado.

A partir do século XII, no mundo europeu-ocidental, verificou-se a “redescoberta” da Filosofia de Aristóteles, que chegou a se constituir num antídoto eficaz contra o essencialismo neoplatônico e também gerou uma nova perspectiva teológica e filosófica para o Cristianismo Ocidental, com a entronização de Deus na Natureza, a revalorização da vida e do mundo material e a atribuição de um significado mais secularista para a relação corpo-alma (ou matéria-espírito). Entretanto, embora a idéia de pecado deste novo Cristianismo apresentasse diferenças em relação à tradição Patrística, não houve uma mudança profunda no seu significado, apenas atribuindo-se ao Homem, como preconizou São Tomás de Aquino, o livre-arbítrio na definição de seu destino. Era em sua própria vida que o Homem poderia escolher entre a retidão e o pecado e, por conseqüência, entre o céu e o inferno. Assim, o dia e a noite também continuavam a ser entendidos como na visão tradicional do Cristianismo, respectivamente, com seus significados positivos e negativos.

Todavia, nem todos os grupos sociais se sujeitaram aos rigores da moralidade cristã e ao controle da ordem feudal. Alguns grupos, ao resistirem, chegaram a afrontar a Igreja e a Nobreza com a proposição de representações que entravam diretamente em contradição com a idéia de trabalho e as práticas religiosas do mundo feudal, chegando mesmo a criar uma outra representação da noite e da vida noturna que as tornavam positivas. As “bruxas” estavam entre os primeiros grupos que criaram uma representação positiva da noite, privilegiando-a como o momento especial para os rituais que elas praticavam nas florestas. A noite também tinha um significado positivo na representação dos boêmios que se multiplicaram com o renascimento das cidades

e da vida urbana, a partir do século XII. Os amantes urbanos da vida noturna, diferentemente daqueles que começavam a experimentar os protocolos da vida cortesã, procuravam as tabernas, com o seu vinho, música, encontros fortuitos, ou os bordéis, onde poderiam satisfazer, com as prostitutas, as suas vontades sexuais. Embora os grupos de bandoleiros e salteadores também agissem durante o dia, era à noite que eles preferiam desencadear suas ações nos campos, nas cidades e nas estradas, também criando, para esta, uma representação positiva em seu imaginário.

Nos Tempos Modernos não chegou a haver nenhuma profunda alteração na representação da noite, tanto pela via do encantamento negativo como do positivo. Pode-se dizer até mesmo que, com a disseminação do Hermetismo e da Magia na segunda metade do século XV, a partir de Florença, retomou-se uma representação positiva da noite, em função da preferência que os adeptos das práticas mágico-herméticas nutriam pelas atividades noturnas, embora a noite em si mesma não possuísse uma posição estratégica no conjunto de suas reflexões teóricas e filosóficas. Os filósofos mago-herméticos retomaram a tradição filosófica platônica, associando, todavia, o caráter fundamental das essências às “forças ocultas” que existiriam na Natureza, assegurando a sua ordem. Aqueles que as conhecessem poderiam controlá-las e ter sob suas mãos o próprio curso da Natureza⁵.

Embora Max Weber, em seu “ideal tipo” de constituição da “racionalidade moderna” e da “ética do capitalista”, tenha atribuído ao Protestantismo, em especial ao Calvinismo e às correntes religiosas nele baseadas (como o Puritanismo anglo-saxônico), a responsabilidade da eliminação de toda a “magia” do mundo, não entendemos que este fenômeno tenha se manifestado de forma plena, especialmente em relação à noite e às atividades noturnas. A noite ainda manteve-se representada negativamente no “Protestantismo Ascético”, associada principalmente à idéia de pecado que não foi abolida por esta corrente religiosa, o que significa a preservação de uma dimensão ainda encantada ou demonizada para certas atividades noturnas. Cabe lembrar que a própria “ética do trabalho”, criada por este “Protestantismo

Ascético”, procurou ratificar a importância das atividades diurnas para a criação e a acumulação da riqueza⁶.

Com a expansão europeia em direção ao mundo americano e a introdução da cultura do “Velho Mundo” no novo continente, sobretudo na América Ibérica, criou-se um espaço bastante acentuado para a reafirmação da representação Cristã negativa da noite. Esta reafirmação não somente atendia aos preceitos religiosos, como desempenhava um papel estratégico no controle das populações coloniais. Nas colônias espanholas e na América portuguesa, o catolicismo utilizou-se da Inquisição como braço punitivo dos hereges e pecadores, ao mesmo tempo em que se apresentava como uma estratégica instituição de controle social, por intermédio da repercussão da sua ação punitiva sobre o imaginário das populações. Mesmo assim, como no Brasil Colonial, existiram aqueles que, como as populações escravizadas de origem africana, desafiaram as proibições do Catolicismo e reafirmaram suas antigas concepções de mundo e religião ou, então, desenvolveram novas concepções, a partir da nova realidade social. Para as populações africanas escravizadas, a noite era muito especial e entendida como o momento privilegiado para a realização dos seus cultos religiosos e festas, nas áreas rurais e urbanas. Portanto, só poderiam representá-la positivamente em seu imaginário, distante da concepção de pecado e do maniqueísmo da tradição católica⁷.

A CIÊNCIA E O DESENCANTAMENTO DA NOITE

Pode-se atribuir ao advento da Ciência Moderna, no século XVII, a primeira tentativa de “desencantamento” da noite no mundo ocidental. Embora a emergência da nova idéia de Ciência seja resultante da articulação de uma série de concepções e práticas diversificadas de conhecimento, a Revolução Astronômica Copernicana desempenhou um importante papel neste processo, funcionando como uma espécie de encruzilhada intelectual para os elementos formadores da nova perspectiva de saber. A partir da idéia de um sistema heliocêntrico de universo, anunciada por Nicolau Copérnico, realizou-se um debate que se centralizou nas críticas às concepções da Física Qualitativa Aristotélica,

da Astronomia Geocêntrica Ptolomaica e de toda a Tradição Organicista de conhecimento que existia no Ocidente desde os antigos gregos. Para esta tradição, presente no Aristotelismo e retomada pela Escolástica Medieval, a Natureza deveria ser vista como um “órgão” ou “corpo vivo” e o Homem era sua parte integrante⁸.

A Ciência Moderna introduziu, sobretudo a partir de Galileu Galilei, René Descartes e Isaac Newton, uma concepção de Natureza exterior e independente do Homem, que deveria ser vista como uma “fria máquina matemática”. O Universo deveria ser visto como o mundo material - ou da extensão -, de dimensão única e exclusivamente quantitativa, expressa por meio de uma ordem constituída por leis mecânicas e matemáticas. A Mecanização e a Matematização do mundo material tornaram-se, de fato, os principais elementos do processo de objetivação da Natureza e do Universo e, por conseqüência, os fenômenos astronômicos - as estrelas, os planetas, o dia, a noite etc - passaram a ser vistos sob esta perspectiva.

940

Neste sentido, a Ciência Moderna, ao romper com toda a tradição qualitativa e organicista do conhecimento ocidental, significou o primeiro passo não só na construção de uma idéia de noite desencantada, mas também no processo de desencantamento de toda a Natureza. O ato de Galileu Galilei (o primeiro grande nome da Ciência Moderna), ao apontar o telescópio para o céu e revelar aspectos desconhecidos de corpos celestes familiares, de certo modo, representou emblematicamente uma nova atitude de observação do Universo e um total desrespeito pela magia da noite. Com esta atitude, Galileu estabeleceu as bases para uma ruptura definitiva, no âmbito filosófico e científico, com uma perspectiva de encantamento da noite, que passou a ser vista, posteriormente pelos astrônomos, apenas como o momento propício para observação da “fria máquina matemática”.

A partir daí, os avanços da Astronomia, com a utilização de telescópios cada vez mais poderosos, ratificaram a perspectiva de desencantamento da noite e de todo o mundo material. No século XX, a física relativista de Albert Einstein e a cosmologia do *Big Bang*, embora bastante distantes dos princípios

epistemológicos da ciência mecanicista, reafirmaram a idéia do desencantamento. Entretanto, a perspectiva científica ainda foi obrigada a conviver, até aos anos 1960, com a sobrevivência, no imaginário popular, de uma representação mágica, encantada e romântica, que enfatizava a importância da noite para o amor e os amantes, sobretudo quando plenamente iluminada pela lua. Inclusive, este satélite era visto, por muitos, como algo impossível de ser alcançado pelo homem.

A corrida espacial do século XX, travada pelos Estados Unidos e pela antiga União Soviética no pós-guerra, apontou a lua como a primeira etapa a ser alcançada pelas viagens espaciais. Em 1969, dois astronautas norte-americanos atingiram a lua pela primeira e isso talvez tenha representado o fim da representação romântica do satélite no imaginário popular. Entretanto, antes mesmo disso se efetivar, em face dos planos e das experiências realizadas desde o início dos anos 1960, a conquista da lua já era vista como um “fato inevitável”, o que fez com que os poetas e os compositores começassem a lamentar o fim definitivo da representação romântico-popular das noites enluaradas. Cabe aqui lembrar a poesia céptica e anti-cientificista, escrita por Gilberto Gil para a sua canção intitulada “Lunik 9”: “Poetas, seresteiros, namorados, correi/ É chegada a hora de dizer e cantar/ Talvez as derradeiras noites de luar”.

A SOCIEDADE CAPITALISTA E SUA IDEOLOGIA DO TRABALHO: A GLAMOURIZAÇÃO OU ESTETIZAÇÃO DA NOITE NO SÉCULO XX

Paralelamente ao desenvolvimento científico, o advento da sociedade capitalista industrial, a partir do final do século XVIII, também desempenhou um importante papel no processo de desencantamento da noite. Além do estabelecimento de uma relação com a ciência mecanicista e matematizada e com a tecnologia criada a partir dela, a sociedade capitalista industrial desenvolveu uma ideologia do trabalho negadora por excelência do ócio, que concebia a noite como o momento de descanso e reposição das forças do trabalhador ou do seu lazer controlado e ordenado. A própria idéia de negócio, reafirmada por esta sociedade, originou-se do termo latino *negotium* - contração dos termos

negationem e *otium* -, que já procurava valorizar o trabalho como a atividade mais importante da vida.

Não se pode esquecer que, nos primórdios da Revolução Industrial, os trabalhadores europeus - fossem eles homens, mulheres ou crianças - estavam submetidos a longas jornadas de trabalho de até 14 ou 15 horas diárias, sobrando-lhes algumas poucas horas de descanso, situação esta que foi revertida com a organização dos sindicatos e com as lutas pela regulamentação da jornada e do processo de trabalho. Com isso, os capitalistas industriais desenvolveram a estratégia de criação de jornadas noturnas nas fábricas, para com isso estenderem o processo de trabalho e garantirem um alto padrão de lucros e a exploração intensificada da mais-valia, produzida pelos trabalhadores⁹.

Por outro lado, para o estabelecimento de uma nova disciplina do trabalho industrial, foi fundamental a racionalização do tempo do trabalhador, tanto no próprio processo fabril, por meio da utilização de um maquinismo cada vez mais sofisticado e na concentração da mão-de-obra nas unidades de produção, como fora dele, através da tentativa de normatização e disciplina do lazer. Se a base da produção de mercadorias e acumulação de riquezas, na sociedade capitalista, estava vinculada à afirmação do trabalho num processo ordenado, tornava-se fundamental a criação de um conjunto de regras que não só disciplinariam o não-trabalho, como também não deveriam permitir que este pudesse afetar o funcionamento da totalidade do processo produtivo¹⁰.

Para isso, em primeiro lugar, os diversos Estados capitalistas instituíram políticas de segurança pública que, além de reforçarem a vigilância sob a classe trabalhadora, procuraram estabelecer o controle do espaço social urbano e a ordenação das atividades noturnas. Os Estados capitalistas procuraram controlar não somente os trabalhadores empregados e organizados em sindicatos, na tentativa de barrar as suas reivindicações sociais, como também aqueles trabalhadores pouco qualificados ou desempregados que formavam o “exército industrial de reserva” (como denominou Marx) ou as “classes perigosas” (na perspectiva ideológica burguesa), que viviam nas partes mais pobres e miseráveis das cidades em busca de expedientes ou alternativas

que pudessem minorar suas dificuldades cotidianas. As instituições policiais realizavam uma vigilância sempre constante nos bairros operários ou naqueles em que viviam as camadas sociais mais pobres, procurando reprimir ou então colocar, sob estreitos limites, suas atividades e deslocamentos, principalmente à noite¹¹.

Além desta constante vigilância policial nos bairros pobres e operários, as políticas de segurança pública também contaram com a ação articulada dos médicos higienistas e dos urbanistas na tentativa de controle do espaço social urbano. Os médicos higienistas desenvolveram uma autêntica cruzada contra a prostituição que, segundo eles, desenvolvia-se desordenadamente pelas cidades, sobretudo à noite, e comprometia a moralidade e a segurança públicas. Defendiam a idéia da prostituição como um “mal necessário” em virtude da impossibilidade de se por fim a um “antigo fenômeno” que constituía-se num canal de descarga da sexualidade masculina e, paradoxalmente, num fator de preservação da família por desviar aquela sexualidade para o bordel. Por isso, o bordel deveria ser higienizado, com o controle médico-policial freqüente, para conter a expansão de doenças venéreas e contagiosas, e concentrado em determinadas partes das cidades para que fosse evitado o “contágio” com as famílias e os bairros residenciais¹².

Já os urbanistas (engenheiros e arquitetos), procuraram desenvolver planos de reforma urbana no sentido de tornarem as cidades menos insalubres e com vias de circulação mais amplas. Ao mesmo tempo em que incorporavam as preocupações dos médicos higienistas com relação à necessidade de uma cidade mais “sadia”, os urbanistas também viam a destruição das antigas ruelas e becos superpovoados, com a criação de ruas e avenidas planejadas, como uma forma de controlar a circulação das pessoas pelo espaço urbano e de acesso mais facilitado, para as forças de segurança, às áreas que pudessem apresentar algum risco para a “ordem pública”. A reforma realizada em Paris sob a direção do Barão de Haussmann, na época de Napoleão III (nas décadas de 1850 e 1860), constituiu-se no exemplo clássico de reforma urbana que combinou as preocupações dos higienistas, relativas à salubridade das cidades, com as estratégias de con-

trole do espaço urbano e da movimentação das camadas populares neste mesmo espaço. No Rio de Janeiro, no início do século XX, a reforma da cidade, realizada pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906), também procurou atingir objetivos semelhantes aos da reforma parisiense¹³.

Entretanto, desde o início do século XX, já desencantada pela Ciência e pela ideologia do trabalho da sociedade capitalista, a noite passou a ser vista como um grande negócio, proporcionador de elevados e crescentes lucros. Para isso, com base numa perspectiva burguesa, desenvolveu-se um processo de glamourização ou estetização da noite, por muitos entendida equivocadamente como um novo tipo de encantamento, mas sem a magia e a religiosidade das antigas representações¹⁴.

Na realidade, a vida noturna glamourizada ou estetizada se transformou num vultoso negócio, desenvolvido com base na mesma lógica de organização dos grandes empreendimentos industriais, comerciais e financeiros da sociedade capitalista. Alguns estudiosos chegaram até mesmo a afirmar a existência de uma "indústria da noite", nas quais os cassinos, os teatros, os cinemas, as *boîtes* e casas de *show*, os restaurantes, desempenharam e continuam a desempenhar um importante papel. Inclusive, hoje, muitos destes estabelecimentos formam grandes redes de entretenimento (que incluem estações de rádio, canais de televisão e gravadoras) ou estão vinculados a grandes grupos econômicos que operam, em dimensão transnacional, nas mais diversificadas atividades. Os norte-americanos, que foram pioneiros na transformação da noite num lucrativo negócio capitalista, cunharam a expressão *show business* para designar as novas formas empresariais de exploração das atividades noturnas, surgidas no decorrer do século XX¹⁵.

Paralelamente, este processo de glamourização ou estetização da noite estabeleceu um conjunto de regras de participação-consumo baseado em princípios da moralidade burguesa que procuraram interditar o acesso de menores de idade e mulheres desacompanhadas, a determinadas atividades noturnas ou então concentrá-las em determinadas áreas das cidades, que não se confundiam com os bairros residenciais e familiares, tal como

aconteceu com trechos da *Broadway* e *Times Square*, em Nova York, com o *West End* de Londres, com a região de *Pigalle*, em Paris, ou com a Lapa, no Rio de Janeiro. A concentração das atividades noturnas obedeceu, de certo modo, à mesma lógica utilizada pelas autoridades policiais e médicas para a concentração da prostituição e a criação do bordel higienizado no século XIX.

Agora, por meio de uma legislação de costumes e da atuação policial, trata-se de concentrar e disciplinar as atividades noturnas ligadas à indústria do entretenimento, juntamente com a circulação dos boêmios e amantes da noite. Embora, hoje em dia, estas atividades sejam igualmente importantes para o conjunto do sistema econômico, ainda permanece a necessidade de um distanciamento entre elas e as atividades econômicas tradicionais, mantendo-se também a dualidade de representação entre o lugar do trabalho e o lugar do lazer na sociedade capitalista. Todavia, estudos recentes procuram demonstrar a mudança dos padrões no mundo do trabalho em virtude das modificações geradas pela informatização e pelas novas tecnologias (incluindo aí a robotização), que estão transferindo, cada vez mais, a mão-de-obra do setor industrial para os setores de serviço e para a indústria do entretenimento. Talvez, num prazo bem mais curto do que se imagina, haja a necessidade de se estabelecer uma nova representação do trabalho nas sociedades capitalistas que adotaram estes novos padrões tecnológicos¹⁶.

Isso, por outro lado, pode se constituir na senha para a retomada de uma perspectiva crítica não somente em relação ao capitalismo e aos seus novos modos de funcionamento, como também às representações científicas do desencantamento do mundo, da vida e da noite, que procuram transformar os indivíduos em frias e disciplinadas máquinas racionais. Talvez este seja o momento de recuperação de uma certa magia da vida e de uma relação de maior respeito para com o meio ambiente, conjugada à retomada da construção de uma sociedade onde os homens vivam em igualdade de direitos e sem exploração de qualquer espécie. Talvez este seja o momento para também cunharmos uma nova palavra de ordem: "Amantes, poetas, seresteiros e boêmios, uni-vos pela construção de uma nova magia da noite".

NOTAS

¹A idéia de *genealogia*, que fundamenta este trabalho, relaciona-se à perspectiva de uma *História Genealógica* desenvolvida primeiramente por Friedrich NIETZSCHE (ver especialmente: *Genealogia da moral*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987; e *A gaia ciência*. Lisboa, Guimarães Editora, 1987) e reafirmada por Michel FOUCAULT no marcante artigo “Nietzsche, a genealogia e a história”, integrante da coletânea *Microfísica do Poder* (Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979). Neste artigo, FOUCAULT aponta para a “História Genealógica como o estudo da emergência, da proveniência e da descontinuidade dos acontecimentos, rompendo-se com a perspectiva metafísica, teleológica e evolucionista da origem” que está presente nas mais diversas correntes historiográficas do mundo ocidental. De acordo com este autor, a *História Genealógica* se oporia “ao desdobramento meta-histórico das significações ideais e das indefinidas teleologias. (...) A história, genealógicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstina em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam”. (Cf. FOUCAULT. *op. cit.*, pp. 16 e 34-35).

²Entre os trabalhos que têm abordado direta ou indiretamente a problemática da noite, podemos citar: MATOS, Maria Izilda. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997; MATOS, Maria Izilda e FARIA, Fernando. *Melodia e sintonia em Lupicínio Rodrigues*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996; MENEZES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio: 1890-1930*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992; SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas... A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo, Editora Ática, 1992; ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro, 1840-1890*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1989; SOHIET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989; e RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar: Brasil, 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

³Esta idéia de “desencantamento da noite” é aqui desenvolvida como uma resignificação e ampliação da idéia de “desencantamento do mundo”, desenvolvida originalmente por Max Weber, que, numa comparação com as grandes tradições religiosas orientais e o cristianismo “tradicional”, atribui “o fim das religiosidades mágicas, encantadas e contemplativas à racionalidade característica do “Protestantismo Ascético” (Puritanismo)”, que foi fundamental para a criação de uma “ética capitalista” na “sociedade moderna” e que também estava presente nos métodos de investigação da “Ciência Moderna”. Voltaremos a este assunto mais adiante (ver nota 06).

⁴Cf. SOARES, Luiz Carlos. *Do novo mundo ao universo heliocêntrico. Os descobrimentos e a revolução copernicana*. São Paulo, Editora Hucitec, 1998, pp. 19-25. Para este parágrafo e para os seguintes, relacionados com a problemática da noite na Idade Média (Alta e Baixa Idade Média), recorreu-se aos seguintes trabalhos: LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval*. Lisboa, Edições 70, 1985; *La naissance du purgatoire*. Paris, Éditions Gallimard, 1981; e *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa, Estúdios Cor, 1973; e DUBY, Duby. *Idade Média, idade dos homens. Do amor e outros ensaios*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989; e *Guerreiros e camponeses: os primórdios do cresci-*

mento econômico europeu do século VII ao século XII. Lisboa, Editorial Estampa, 1980.

⁵Cf. SOARES. *op. cit.*, pp. 66-68. Sobre as práticas mágico-herméticas na época renascentista, ver também: HALL, A. Rupert. *A revolução na ciência, 1500-1750*. Lisboa, Edições 70, 1988. YATES, Francis. *Giordano Bruno and the hermetic tradition*. Londres, Routledge and Kegan Paul, 1978; e GARIN, Eugenio. *O renascimento: história de uma revolução cultural*. Porto, Telos, 1972; e "O filósofo e o mago", em GARIN (org.). *O homem renascentista*. Lisboa, Editorial Presença, 1991.

⁶Sobre a idéia de "desencantamento de mundo", desenvolvida por Max Weber, podemos destacar duas interessantes passagens de textos deste autor: 1) "Somente o protestantismo ascético acabou realmente com a magia, com a extramundania da busca da salvação e com a 'iluminação' contemplativa intelectualista como sua forma mais elevada; somente ele criou os motivos religiosos para buscar a salvação precisamente no empenho na 'profissão' intramundana (...) ao cumprir as exigências profissionais de modo metodicamente "racionalizado". (Cf. WEBER. "Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas)", (Capítulo V), em *Economia e Sociedade*, Volume I. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1991, p. 416; grifos do autor); 2) "Para apreciar o nível de racionalização que uma religião representa podemos usar dois critérios básicos, que se inter-relacionam de várias maneiras. O primeiro é o grau em que uma religião despojou-se da magia; o outro é o grau de coerência sistemática que imprime à relação entre Deus e o mundo e, em consonância com isso, à sua própria relação ética com o mundo. No tocante ao primeiro ponto, o protestantismo ascético nas suas várias manifestações representa um grau extremo. As suas manifestações mais características eliminaram a magia do modo mais completo. (...) O pleno "desencantamento do mundo" foi levado apenas nelas às suas últimas conseqüências. É verdade que isso não significava livrar-se daquilo que hoje costumamos chamar de 'superstição'. A caça às feitiçadeiras também floresceu na Nova Inglaterra. Mas, (...) aqui toda a magia tornou-se "demoníaca" e apenas tinha valor religioso o racionalmente ético: a ação conforme ao mandamento divino e mesmo isso apenas a partir do sentimento piedoso". (Cf. WEBER. "Religião e racionalidade econômica", em COHN, Gabriel (org.). *Weber*. São Paulo. Editora Ática, 1986, pp. 151-152; grifos do autor).

⁷Sobre a religiosidade popular no Brasil Colonial e a resistência religiosa das populações de origem africana, ver VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1989; SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo na terra de Santa Cruz*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987; LIMA, Lana Lage da Gama. (org.). *Mulheres, adúlteros e padres. História e moral na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1987; e MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

⁸Para este parágrafo e para os seguintes, relacionados à Revolução Astronômica Copernicana e à emergência da Ciência Moderna, ver SOARES. *op. cit.*; e "O nascimento da Ciência Moderna: os diversos caminhos da Revolução Científica nos séculos XVI e XVII", em *Arrabaldes: Cadernos de História*, série I, n° 02 ("Ciência e História", Organizado por SOARES, Luiz Carlos). Niterói, Programa de Pós-Graduação em História da UFF, 1996.

⁹Sobre a Revolução Industrial, o processo de trabalho industrial-fabril e as lutas dos trabalhadores pela regulamentação da jornada de trabalho, ver HOBSBAWM,

Eric J. *A era das revoluções, 1789-1848*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977; *A era do capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1977; e *Labouring men. Studies in the History of Labour*. Londres, Weidenfeld and Nicolson, 1976.

¹⁰Para o estudo da disciplina e da normatização na sociedade capitalista, ver FOUCAULT *Microfísica do poder. op. cit.*; e *Vigiar e punir. História da violência nas prisões*. Petrópolis, Editora Vozes, 1977.

¹¹Um estudo ainda importante sobre o proletariado urbano e as chamadas “classes perigosas” continua sendo o de CHEVALIER, Louis. *Classes laborieuses et classes dangereuses à Paris pendant la première moitié du XIXe siècle*. Paris, Librairie Plon, 1958.

¹²Sobre a prostituição, ver SOARES. *op. cit.*; e ENGEL. *op. cit.*. Sobre as estratégias de controle familiar, ver ainda DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1980. A “cidade disciplinar” também foi estudada por RAGO. *op. cit.*

¹³Sobre a atuação do Barão de Haussmann, em Paris, e do prefeito Pereira Passos, no Rio de Janeiro, ver BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1990. Ainda sobre a reforma urbana do Rio de Janeiro, no início do século XX, ver ROCHA, Oswaldo Porto e CARVALHO, Lia de Aquino. *A era das demolições/habitações populares*. Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1990.

¹⁴Esta idéia de glamourização ou estetização da noite baseia-se no conceito de estetização do maravilhoso, utilizado por Le Goff. Ao falar do fenômeno do “maravilhoso” (das *mirabilia*) no Ocidente Medieval, este autor distingue três momentos distintos: um primeiro de tentativa de repressão ou controle do maravilhoso, na Alta Idade Média; um segundo momento de irrupção do maravilhoso, nos séculos XII e XIII; e um terceiro momento de estetização do maravilhoso, nos séculos XIV e XV, com a sofisticação dos mitos e lendas e de todo o imaginário fantástico. (Cf. LE GOFF *op. cit.*, pp. 22-37). É justamente a sofisticação da representação da noite pela ideologia consumista do capitalismo, baseada na transformação dos serviços de entretenimento noturnos em mercadorias e na criação de um *ethos* glamourizado de consumo, que estamos chamando de estetização da noite.

¹⁵Para uma síntese do desenvolvimento cultural e artístico no século XX, que fornece uma série de informações para se pensar na transformação da noite num lucrativo negócio (“indústria da noite”), ver HOBBSAWM. “As artes, 1914-1945” (Capítulo 6) e “Morre a vanguarda: as artes após 1950” (Capítulo 17), em *Era dos extremos. O breve século XX, 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

¹⁶Sobre as mudanças nos padrões do mundo do trabalho e a introdução de novas tecnologias, baseadas na informatização e na robotização, ver IANNI, Octavio. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1999; e *A era do globalismo*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1997; CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo, Xamã Editora, 1996; e SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record, 1999.